

LEISHMANIOSE TEGUMENTAR AMERICANA (LTA)

A Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA) é uma doença infecciosa, não contagiosa, causada por protozoários do gênero *Leishmania*, pertencente a família *Trypanosomatidae*, que acomete pele e mucosas; é primariamente uma infecção zoonótica, afetando animais silvestres.

O modo de transmissão habitual é através da picada de insetos que podem pertencer a várias espécies de flebotomíneos, dependendo da localização geográfica.

O período de incubação da doença no homem é, em média, de 2 meses, podendo apresentar períodos mais curtos (duas semanas) e mais longos (2 anos).

A LTA, também conhecida como leishmaniose mucocutânea, úlcera de Bauru, ferida brava etc., distribui-se amplamente no continente americano, estendendo-se desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina. No Brasil tem sido assinalada em todos os estados, constituindo, portanto, uma das afecções dermatológicas que merece maior atenção, devido a magnitude da doença, assim como pelo risco de ocorrência de deformidades que pode produzir no homem, como também pelo envolvimento psicológico do doente, com reflexos no campo social e econômico, uma vez que, na maioria dos casos, pode ser considerada uma doença ocupacional.

Na década de 50, houve uma diminuição geral da ocorrência de casos de LTA, porém nos últimos 20 anos, vem apresentando franco crescimento, tanto em magnitude como em expansão geográfica, observando-se surtos epidêmicos nas regiões Sul, Sudeste, Centro Oeste, Nordeste e, mais recentemente, na região Norte (área amazônica), relacionados ao processo predatório de colonização.

As regiões Sul e Sudeste apresentam coeficiente de detecção bem inferior às demais, sendo que o estado do Espírito Santo apresentou em 1999 o maior

coeficiente. Verifica-se ainda que o Paraná é o responsável por 98% dos casos da região sul.

Atualmente, pode-se dizer que, no Brasil, a doença apresenta dois padrões epidemiológicos característicos:

a) Surto epidêmico associado à derrubada das matas para construção de estradas e instalação de povoados em regiões pioneiras, e a exploração desordenada da floresta. Neste caso a leishmaniose tegumentar é, fundamentalmente, uma zoonose de animais silvestre, que pode atingir o homem quando entra em contato com os focos zoonóticos;

b) Leishmaniose em regiões de colonização antiga, relacionada ao processo migratório, ocupação de encostas e aglomerados semiurbanizados na periferia de centros urbanos, não associada à derrubada das matas. Neste padrão, cães, eqüinos e roedores, parecem ter papel importante como novos reservatórios do parasita. Tem-se discutido a possível adaptação de vetores e parasitas a ambientes modificados e a reservatórios.

No Rio Grande do Sul, até o ano de 2000, não havia registro de casos autóctones de Leishmaniose Tegumentar Americana (LTA).

No ano subsequente, porém, foram notificados, investigados e confirmados 3 casos autóctones. Dois eram procedentes do município de Santo Antônio das Missões, sendo que em um destes a sintomatologia iniciou-se no ano de 2000. O outro caso foi do município de Viamão, também com o início dos sintomas em 2000.

Até o momento foram identificados 19 casos de leishmaniose tegumentar americana, além daqueles citados acima, foram confirmados casos em Rolador e São Miguel das Missões (Figura 01).

O trabalho da vigilância ambiental no programa de Leishmaniose Tegumentar Americana tem sido o levantamento da entomofauna, a fim de determinar a espécie de flebotomíneo, envolvido na transmissão, bem como sua distribuição espaço-temporal com o objetivo de determinar medidas de controle.

Capacitação dos municípios, juntamente com as Coordenadorias Regionais de Saúde, no diagnóstico e tratamento dos casos.

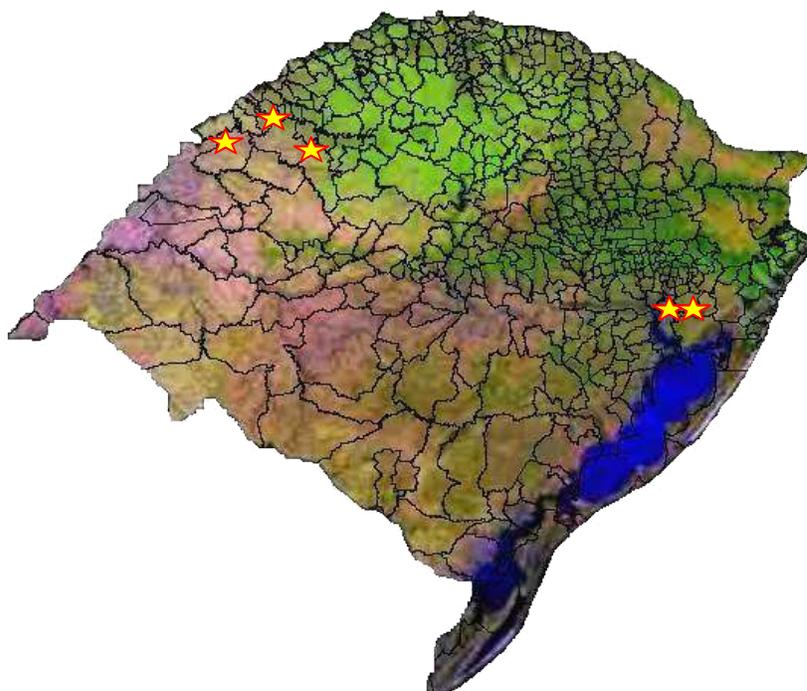


Figura 01- Municípios com casos autóctones de leishmaniose tegumentar Americana no Rio Grande do Sul (2001-2006).